

## A CARACTERIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA INCLUSÃO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DO MEIO SOCIAL

Luciana de Oliveira Campolina<sup>1</sup>

Eveline Braga Babilonia Faria dos Santos<sup>2</sup>

Marília Carvalho e Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve análise da experiência de uma criança no contexto da escola, buscando caracterizar aspectos importantes da inclusão escolar. Foi realizado um estudo qualitativo e descritivo com uma criança com Síndrome de Down, a partir da realização de uma entrevista conduzida pela pesquisadora, utilizando figuras ilustrativas e perguntas que estimulam a fala da criança. Os resultados indicaram a centralidade dos relacionamentos humanos para o desenvolvimento da criança e da convivência no momento inicial da inclusão.

**Palavras-chave:** Criança. escola. inclusão escolar. Entrevista.

**Abstract:** This article aims to present a brief analysis of a child's experience in the school context, persuing to characterize important aspects of school inclusion. A qualitative and descriptive study was developed with a child with Down Syndrome and an interview was conducted by the researcher using illustrative figures and questions that stimulate the child's speech. The results indicated the centrality of human relationships for the development of the child and the social relations in the initial moment of inclusion.

**Keywords:** Child. school. school inclusion. Interview.

### INTRODUÇÃO

Cada indivíduo tem o seu modo de integrar-se e o seu tempo de desenvolvimento, conforme as suas necessidades, sendo as relações e interações entre as pessoas, um processo para o desenvolvimento. É no convívio social que se estabelece o vínculo relacional, gerando uma base de experiências individuais e sociais, que tem um papel fundamental no desenvolvimento psíquico. Vygotsky (1994) afirma que situações semelhantes podem implicar o desenvolvimento humano de diferentes formas. Múltiplos aspectos podem ter impactos diversos na experiência da pessoa, atuando de modo singular sobre o desenvolvimento como um todo. Como o contexto intervém de maneira complexa sobre as experiências singulares, entender as interações e práticas sociais assume um papel central em todo o processo.

1 Centro Universitário de Brasília

2 Centro Universitário de Brasília

3 Pädagogische Hochschule Ludwigsburg / Alemanha

Vygotsky (2000) apresenta como tese inicial o desenvolvimento das funções psíquicas, sendo a memória, a atenção, a percepção e o pensamento uma forma primária para, depois, aparecerem de forma elevada. O autor analisa a linguagem como constituinte da dimensão psíquica e focaliza os significados que emergem nas situações concretas em relação dialética. Assim, percebe-se a importante diferença realizada entre as funções elementares (comuns aos animais e aos humanos) e as funções psicológicas elevadas (somente vinculada aos humanos). A segunda tese se refere à base biológica do funcionamento psíquico, em que o cérebro é o órgão principal da atividade mental, sendo moldados ao longo da história, diante do seu meio cultural. A terceira tese é a característica da mediação presente em toda a vida humana, que usa técnicas e signos para fazer a mediação entre os seres humanos e desses com o mundo.

Sendo assim, Vygotsky aborda o processo essencial para o desenvolvimento do processo de pensamento, pois pela fala é que se pode organizar as tarefas práticas e as funções psicológicas. Logo, o desenvolvimento mental da criança é um processo contínuo de aquisições, desenvolvimento intelectual e linguístico relacionado à fala interior e ao pensamento (VYGOTSKY, 2000). Considerando a importância das relações sociais para criança e seu desenvolvimento, o presente artigo apresentará uma caracterização do meio social a partir da fala da criança, analisando alguns aspectos que subjazem a inclusão de crianças especiais no contexto educacional.

## **A EDUCAÇÃO E A INCLUSÃO ESCOLAR**

De acordo com Schwartzman (2003), tanto o comportamento quanto o desenvolvimento cognitivo não estão unicamente relacionados à sua alteração cromossômica, mas a todo o seu potencial genético e, principalmente, ao estímulo social que recebe do contexto sociocultural a qual está inserida.

A criança que apresenta características atípicas do seu desenvolvimento pode atingir um bom progresso das suas capacidades pessoais e autonomia para realizar as atividades do seu cotidiano. Ela é capaz de exercer o afeto, sentir, amar, chorar, exercitar, instruir, aprender, assimilar, se divertir, ler, escrever e ser uma criança crítica como qualquer outra que está descobrindo o mundo (SCHWARTZMAN, 2003).

Segundo Campolina (2007), “a escola é um contexto privilegiado de desenvolvimento, caracterizado por diferentes aspectos relativos à convivência, ao tempo que os indivíduos passam juntos e ao espaço que compartilham. É também um espaço importante pelo aspecto simbólico adquirido a partir da era moderna, quando passou a desempenhar significativo papel na transmissão de valores culturais” (CAMPOLINA, 2007, p. 25). Por conseguinte, a escola é um dos ambientes ricos de aprendizado é fundamental para transmitir e agregar conhecimentos e cultura, sendo garantido por lei o direito à educação para todas as crianças.

A inclusão de crianças especiais, nas escolas antigamente, era um assunto pouco explo

rado e pouco compreendido. Além da implementação da lei pela Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional (LDBEN), Lei 9394/96, a qual dá o direito das crianças especiais estarem nas escolas, já existia um centro exclusivo para o acompanhamento e desenvolvimento somente dessas. A Apae nasceu em 1954, por uma associação de pais e amigos, que tinha como objetivo principal promover a atenção integral à crianças com deficiência intelectual e múltipla (APAE, BRASIL). Com o passar dos anos, escolas públicas e particulares aderiram tal iniciativa de inclusão, buscando capacitar a própria instituição e professores para obter resultados significativos (BRASIL, 2008).

Contemporaneamente, no Brasil, essa inserção está embasada na constituição brasileira e especificada no Ministério da Educação, que garante o acesso do público-alvo da Educação Especial à escola e a inclusão dos serviços de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2008, 2011).

Mesmo por tratar-se de um grande desafio contínuo, existe hoje um crescente número de escolas públicas e privadas que apoiam esse acolhimento das crianças, além de algumas escolas com o preparo de mestres cada vez mais profissionalizados para o recebimento dessa faixa etária (BRASIL, 2008).

Sendo assim, a escola tem o dever de ser inclusiva, ou seja, é dirigida à escola abraçar esse público e dar a assistência, de acordo com a primordialidade de cada um, incluindo novas técnicas, de modo que ajude no desenvolvimento, o aprendizado ocorra e evolua o conhecimento dos alunos (SCHWARTZMAN, 2012). Indubitavelmente, a escola é a organização social que tem como ponto de partida a transformação dos indivíduos. Nesse espaço, o aluno aprende a ser crítico e a construir a sua própria identidade, com o auxílio dos educadores e dos seus familiares.

Rodrigues (2001) discorre que a inclusão não deve estar somente integrada à escola, pois é uma responsabilidade social que excede o período restrito da educação formal. A inclusão deve mostrar-se como um progresso que se desenrola ao longo da existência do sujeito, por um comprometimento na escola, no trabalho, na família, tendo sempre como objetivo a melhoria da qualidade de vida.

Sendo assim, outro ponto contribuinte para o engajamento, inclusão e a visibilidade de crianças, fora do contexto escolar, tem sido a oportunidade das paraolimpíadas, a qual ampliou o horizonte para elas no mundo todo. Esse princípio de inclusão se dá na incorporação de corpos que se deparam fora dos padrões de normalidades, sejam essas, física, fisiológica, comportamental e/ou social estabelecido por determinado grupo social, o qual carece de elevação, superação e compreensão daqueles agregados nos padrões de normalidade para serem aceitos. O movimento de inserção nos jogos paraolímpicos é uma forma elaborada que busca, pelas ações vinculadas, integrar a pessoa com deficiência à sociedade e vice-versa (MARQUES et al., 2009).

Em detrimento disso, a criança inicia o seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas a aquisição escolar possibilitará fundamentos novos no seu desenvolvimento (COELHO; PISONI, 2012). A aprendizagem é um segmento linear e a educação é definida por transições qualitativas de um grau de aprendizagem a outro, por isso também a importância das relações sociais. Pode-se identificar dois tipos de desenvolvimento. O primeiro é o desenvolvimento real, o qual se refere àquelas vitórias que já são estabilizadas e fixadas na criança, como quando são capazes de exercer funções sem a ajuda de outro indivíduo. Assim, é nessa etapa que se costuma avaliar a criança, ou seja, somente o que ela já é capaz de realizar. Para Vygotsky (2000), ainda existe uma outra zona de experiências, que culminará, posteriormente, no desenvolvimento real, ou seja, o que uma criança faz hoje com a ajuda de alguém, ela pode ser apta a fazer amanhã sozinha, avançando no seu desenvolvimento. Para o autor, a criança se desenvolve em um meio cultural cheio de significações sociais e historicamente elaboradas, que são constantemente expressadas e apropriadas pelos sujeitos, concebendo-se, assim, em motores do desenvolvimento.

Desse modo, o desenvolvimento humano é um processo dialético, marcado por etapas qualitativamente múltiplas e definidas pelas atividades mediadas. O homem, como sujeito, é instruído é capaz de modificar a sua própria história e a da humanidade, transformando o contexto social em que se introduz e, ao mesmo tempo, sendo modificado pelo meio (VYGOTSKY, 2000).

Ao retomar a questão inicial das escolas, muito além da inserção e inclusão, é importante o engajamento dos profissionais e o modo de trabalho que esse professor buscará desenvolver com as crianças. Assim, para que o professor(a) engajado possibilite a aprendizagem do seu aluno, existe a interferência na sua atividade psíquica, notadamente o seu pensamento. Essa utilidade excede, antes de tudo, e conduz à escolha nas maneiras de ensinar, já que o professor(a) tende a conhecer os métodos eficazes somente quando estão, de alguma forma, estruturados com os modos de pensar do aluno.

Desse modo, a interferência do professor é essencial ao dar ideias, sugestões e organizar o ambiente, propondo alguma brincadeira, o que cria na criança novas possibilidades de ir além dos conceitos e brincadeiras que ela já conhece. Logo, o docente abriria o caminho para novas aprendizagens.

Por conseguinte, o (a) professor (a) e a família são os organizadores do ambiente social em que a criança se encontra e um fator educativo de qualidade. Esses dois meios, assim, têm como função o desdobramento em muitas formas para serem descobertas e assumidas, conforme o fluxo do desenvolvimento do aprendiz. Logo, a partir da interpretação das ideias de Vygotsky, deve-se permitir que a criança se revele por si, demonstre as suas aptidões, mostre-se naquilo a partir das suas necessidades e interesses, tornando a posição de ativa no seu próprio processo de aprendizagem.

Compreendendo a importância do meio social para o desenvolvimento humano, Vygotsky apresenta uma concepção da deficiência, pautada na dimensão social, ou seja, um novo olhar para os processos de aprendizagem e desenvolvimento desses indivíduos. As principais contribuições de Vygotsky para a compreensão da deficiência e para a educação das crianças deficientes estão em cinco aspectos (MARTÍNEZ; REY, 2017). O primeiro aspecto é o conceito de defeito primário, o qual é de natureza biológica; e o secundário é o que se origina do defeito primário, de acordo com o seu meio cultural e social. O segundo aspecto é o enfoque social da deficiência, que são as características presentes no contexto. Vygotsky afirma que “a criança não sente diretamente seu defeito, mas percebe as dificuldades que resultam desse defeito” (MARTÍNEZ; REY, 2017).

O terceiro aspecto é a ênfase na pessoa e não na deficiência, ou seja, busca compreender a criança na sua totalidade, no seu desenvolvimento e não trabalhar a deficiência em si na criança. O quarto aspecto, é o conceito de compensação, que está ligada à comunicação e estimulação estabelecida com a criança no seu contexto social. Por último, no quinto aspecto há a criatividade associada à deficiência, pois ao analisar a criança na sua totalidade, subjetividade e no seu desenvolvimento, possibilita-se concebê-la como sujeito de ações criativas (MARTÍNEZ; REY, 2017).

Indubitavelmente, é de extrema importância qualificar esse processo, para que a inclusão de crianças que apresentam desenvolvimento atípico seja realmente verificada e eficaz no ambiente escolar, pela mediação do professor junto à autonomia da criança de ser livre naquele contexto para o seu desenvolvimento.

Assim, a pesquisa teve como objetivo caracterizar e analisar aspectos da inclusão escolar da criança com desenvolvimento atípico, focalizando o contexto e as relações a qual está inserida.

## **MÉTODO**

Foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo descritiva, que permitisse compreender alguns aspectos do desenvolvimento da criança participante. Baseou-se, para tanto, na ideia de Minayo (2012, p. 662) que aponta que a “matéria prima da pesquisa qualitativa é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação”.

A partir de uma estratégia de estudo de um caso, realizado de forma exploratória, a pesquisa enfocou em um único participante para analisar elementos da fala sobre a experiência da criança na escola em relação à professora e à rotina da escola. A primeira autora foi a pesquisadora responsável pela condução do processo de pesquisa feita na escola.

## **LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em uma escola privada e inclusiva localizada no Lago Sul, bairro de classe média alta em Brasília, DF.

## **PARTICIPANTES**

Participou da pesquisa uma criança de cinco anos de idade, do sexo feminino, a qual está inserida no jardim I do Ensino Fundamental. A criança possui um diagnóstico de Síndrome de Down, que é concebida como uma anomalia genética causada pela multiplicação do cromossomo 21. A Síndrome de Down não é uma doença e nem deficiência em si, é uma falha genética que acontece durante a divisão celular do embrião. Uma das características da síndrome é que o desenvolvimento motor da criança acontece em ritmo atípico e mais lento se comparado às outras crianças.

## **INSTRUMENTOS**

Para promover a interação com a criança, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A entrevista é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo, pois é possível que os pesquisadores busquem informações objetivas e subjetivas. Em linhas gerais, considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas e para conduzir uma entrevista vários fatores devem ser levados em conta, como o objetivo da pesquisa e as características da população entrevistada (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017)

No caso específico, a entrevista utilizada foi baseada em um conjunto de imagens ilustrativas apresentadas a seguir. Simultaneamente à apresentação das imagens, foram feitas perguntas direcionadas à criança buscando estimulá-la a discorrer e descrever as figuras. Buscou-se criar um conjunto de ideias e temas com a criança, que extraísse das suas falas, aspectos que pudessem formar uma história. No entanto, a partir das imagens foram feitas perguntas em uma sequência, que possibilitasse à criança expressar-se, a partir da sua fala e que evidenciasse algo do seu pensamento. Essas figuras foram retiradas da internet no google imagens e a sequência foi organizada pela pesquisadora.

## **PROCEDIMENTOS**

Para a realização da pesquisa foram realizados três encontros. O primeiro com a apresentação do termo de consentimento à direção da escola, o segundo para a apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido para os pais (TCLE) e o outro encontro com a criança

para realizar a entrevista.

A entrevista foi realizada em uma sala de aula, a qual havia alguns brinquedos para que ela pudesse brincar ao ir respondendo às perguntas e interagindo com a pesquisadora. Foi utilizado um gravador para registros da fala da criança.

As falas foram transcritas e foram analisadas de maneira simplificada a partir de uma separação pelo seu conteúdo expresso e foram analisadas considerando o objetivo geral do estudo. As falas da criança são representadas nos trechos pela letra C e as perguntas da pesquisadora pela letra E.

Quadro 1: Figuras utilizadas para estimular a fala e descrição da criança



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da entrevista semiestruturada, a criança brincava com um quadro de desenhar, o qual durante as perguntas que a entrevistadora direcionava a ela, a criança perguntava o que a entrevistadora queria que ela desenhasse.

Em relação às primeiras figuras sobre a criança, a família e a professora, desenvolveu-se o curto trecho de perguntas e respostas com a criança.

C: o que é isso aqui?  
E: é uma história, o que acha de construirmos sua história?  
Criança: sim (risos).  
E: quando você vem para a escola, quem te traz? A mamãe?  
C: o que é isso aqui? (Aponta para a imagem dos pais levando a criança a escola)  
E: uma imagem de uma escola. Mamãe quem te traz?  
C: sim, a mamãe.  
E: e quando você chega a escola, tem muito amigos?  
C: tem, muito.  
E: você tem um melhor amiguinho, aqui na escola?  
C: tenho  
E: e quem é?  
C: você (sorri para a entrevistadora)  
E: você gosta de brincar com todo mundo, ou sozinha?  
C: com todos os amigos  
E: e eles gostam de brincar com você?  
C: sim, gosta.

Pode-se observar, a partir desse trecho, que a criança se interessa pelas figuras, mas pergunta à pesquisadora o que são as imagens, o que cada imagem representa. A criança é estimulada a falar sobre elas e enfatiza nas suas respostas os aspectos presentes na fala da pesquisadora. Nesse trecho, a criança traz na fala que gosta da escola e que os amigos gostam dela. Com base nas contribuições de Vygotsky e tomando os aspectos na compreensão da construção social da deficiência, vale destacar como é importante que a escola e professores deem ênfase na pessoa e não na deficiência em si, compreendendo a criança na sua singularidade e na sua totalidade (MARTÍNEZ; REY, 2017). Em decorrência da sua dificuldade intelectual, é preciso que o professor tenha melhor preparo para integrar e auxiliar as crianças com síndrome de Down na escola. Para que haja de fato uma aprendizagem, o profissional deve conhecer os métodos que contribuirão para que o aluno se adapte e adquira conhecimento. (ALVES; SOUZA, 2017)

Na sequência das perguntas com a pesquisadora, temos o seguinte trecho:

E: e, você gosta da professora?  
C: sim.  
E: a professora conta historinha para os alunos?



C: conta.  
E: e você faz atividade com todos os amigos juntos?  
C: sim, faz.  
E: você gosta de fazer as atividades?  
C: aaaa, gosta.

Em outro momento em que a pesquisadora busca explorar mais a experiência da criança, desenvolve-se o seguinte trecho:

E: então você gosta de vir a escola né?  
C: eu gosto.  
E: e quando você vai embora, mamãe te busca também?  
C: eu não quero embora  
E: você não quer ir quando termina a aula?  
C: não quero.

Um ponto essencial na fala da criança diz respeito à presença da professora e a relação que a criança tem com a escola. Pelas falas expressas diretamente pela criança, pode-se identificar que ela gosta da escola, que não quer ir embora para casa, porque quer ficar mais tempo no espaço escolar com outras crianças. A brincadeira com os colegas aparece também nas falas da criança sobre a sua rotina, evidenciando a importância de brincar no desenvolvimento da infância, em qualquer condição.

Nesse sentido, é necessário enfatizar como a presença do professor é essencial no contexto da criança que apresenta características atípicas no seu desenvolvimento. Ao analisar mais detalhadamente o processo de ensino do professor em relação à aprendizagem do aluno, Vygotsky argumenta que o professor, pelo seu conhecimento, pode sugerir atividades, dar ideias, planejar e organizar o ambiente para que seja um espaço harmônico e criativo para todas as crianças (VYGOTSKY, 2000). A criança entrevistada está inserida nas brincadeiras grupais, no lanche compartilhado, nas atividades feitas em sala de aula e a professora tem um papel importante nessa inserção da criança no cotidiano de relações e atividades.

No trecho abaixo, pode-se observar que a criança se interessa por explorar o que vê a sua volta e interage com a pesquisadora, buscando respostas para as suas perguntas:

C: o que é aquilo?  
E: é um mapa, e moramos onde está a cor verde.  
C: a cor verde?  
E: sim, sabe qual é?  
C: essa (aponta para o verde)  
E: e você tem uma cor preferida?  
C: tenho.  
E: qual é a cor preferida?  
C: preta, cor preta.  
E: você gosta de desenhar?  
C: sim (empolgante)

Na situação que aparece na conversa com a criança, ela relata gostar da cor preta e querer, na maioria das vezes, utilizar apenas desse tom para desenhar ou colorir. A partir desse trecho, vale destacar que na escola é essencial deixar a criança vivenciar a sua autonomia e subjetividade naquele contexto diário (MARTÍNEZ; REY, 2017). Percebe-se essa contribuição dentro da sala, o qual a criança parece ter liberdade por decidir se quer ou não fazer uma atividade em que não gosta ou usar as cores que quiser para pintar e desenhar.

Nos trechos seguintes, a criança conversa com a pesquisadora sobre a brincadeira. A pesquisadora busca estimular que a criança relate mais sobre seu dia a dia e como o processo de brincar aparece em meio aos seus afetos e processos psíquicos.

E: mamãe te busca quando a aula acaba?  
C: não, o tio. (motorista da van)  
E: e quando você chega na sua casa, você brinca?  
C: brinca.  
E: tem algum animal na sua casa?  
C: tem a Eva.  
E: quem é Eva?  
C: minha cachorra.  
E: e você gosta dela, de brincar com ela?  
C: sim (empolgante e sorri para a entrevistadora)  
E: e quando você chega na sua casa, você almoça e depois vai brincar ou ver televisão?  
C: televisão

E: mamãe te busca quando a aula acaba?  
C: não, o tio. (motorista da van)  
E: e quando você chega na sua casa, você brinca?  
C: brinca.  
E: tem algum animal na sua casa?  
C: tem a Eva.  
E: quem é Eva?  
C: minha cachorra.  
E: e você gosta dela, de brincar com ela?  
C: sim (empolgante e sorri para a entrevistadora)  
E: e quando você chega na sua casa, você almoça e depois vai brincar ou ver televisão?  
C: televisão  
E: e você assiste filme na sua casa?  
C: que isso aqui?  
E: é uma menina assistindo filminho  
C: e isso aqui?  
E: são os peixinhos dentro da televisão  
C: aaaaaaa (sorri ao ver a imagem)  
E: fofo, né?  
C: sim (sorri)  
E: e você tem um desenho preferido?  
C: tenho, o tubarão (foi o entendido)  
E: e quando você vai dormir, você dorme sozinha?  
C: durmo na escola  
E: mas e na sua casa, você dorme sozinha?  
C: durmo sozinha  
E: então você é muito corajosa né?

C: é eu sou corajosa  
E você tem algum irmão?  
C: tenho.  
E: ele é mais novo ou mais velho que você?  
C: ele é pequenininho

Nesse trecho, a partir da interpretação do meio social da criança, destaca-se a importância para ela do convívio social, do estabelecimento dos vínculos que geram a base de experiências individuais e sociais, consolidando o papel fundamental no desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, a caracterização e a compreensão da realidade da criança, em termos do ambiente que ela explora, que passa parte de seu tempo, das relações familiares e das pessoas com quem convive são fundamentais para se conhecer quais os aspectos atuam de modo singular sobre o desenvolvimento dela (VYGOTSKY, 1929/1994), validando que as suas interações e as práticas sociais do contexto assumem papel central em todo o processo.

Nos trechos finais da entrevista com a criança, percebe-se que ela está interessada no vínculo com a pesquisadora e que quer se expressar pelo desenho. A criança espera que a pesquisadora indique algo para desenhar e demonstra uma solicitude nas suas expressões. Nesse sentido, aparece novamente a importância dos vínculos e das diferentes expressões do afeto dela na convivência com os outros.

C: o que você quer que eu desenho?  
E: uma borboleta  
C: aqui a borboleta  
E: que linda, eu amei  
E: então C. você brinca muito aqui na escola?  
C: brinco, muito  
E: e tem muitos amiguinhos ne?  
C: tem  
C: agora o que eu desenho?  
E: que tal um peixinho?  
C: peixinho, sim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou uma breve caracterização de aspectos essenciais da inclusão escolar da criança com desenvolvimento atípico, que assumem papel e lugar central nas relações sociais do contexto a qual está inserida. A criança observou pelos desenhos e foi estimulada pela pesquisadora a falar sobre o que percebe e sobre os aspectos cotidianos da sua convivência nesse ambiente escolar. Para além dos aspectos centrados na noção de deficiência, vale destacar que há um engajamento da escola com a criança e a autonomia dela naquele contexto vivencial. Além disso, há a importância dos relacionamentos humanos que constituem a base para a vida e o desenvolvimento psíquico da criança.

Por fim, vale enfatizar que esse estudo não pretendeu apresentar um aprofundamento

sobre o tema, mas permitir uma breve análise dos aspectos expressos da fala da criança. Nesse sentido, é necessário que sejam continuamente realizados outros estudos que possam aprofundar na dimensão social e na questão da inclusão escolar a partir das ideias de autores da psicologia histórico-cultural.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.; SOUZA, E. L. Ensino de crianças com síndrome de Down: Sua história e seus desafios. IN: CONEDU, IV., 2017, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: CONEDU, 2017.

BATISTA, E. C. MATOS, L. A. L. NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 23-38, Tri. III. 2017.

BRASIL, Casa Civil. **Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 25 set. 2017.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei Constitucional Federal Brasileira 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CAMPOLINA, L. de O. **Tornar-se adolescente:** a participação da escola na construção da transição da infância para a adolescência. Orientador: Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e Ped. Facos/ CNEC**, Osório, v. 2, n. 1, p. 144 - 152, ago. 2012.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-77, out./dez. 2009.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 621-626, jul. 2012.

MARTÍNEZ, A. Mitjáns; REY, F. González. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição na leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

RODRIGUES, D. **Educação e Diferença:** Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva. Porto: Porto Editora, 2001.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de down.** 2 ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. In: DEER, R. Van Der; VALSINER, J. (orgs.). **The Vygotsky reader.** Oxford, UK: Basil Blackwell, 1994. p. 338-354.